

# Um Bonequinho de Lata

*Falso conto infantil*

Para Donata  
Para Amanda  
Para Bernardo

No dia do oitavo aniversário do seu filho único e querido, a mãe o presenteou com um bonequinho que ela mesma fizera, usando uma lata de leite Ninho vazia, cuja cabeça era uma lâmpada Sylvania com grandes olhos vermelhos pintados toscamente com esmalte Risqué. A roupa do bonequinho, revestindo todo seu corpo cilíndrico, era de papel crepom, simulando um calção ocre puído com grandes botões azulados, que seguravam suspensórios pretos de fita, que, por seu turno, passavam por cima de uma camisa branca de largas golas abertas. O nariz era de Durepoxi e parecia uma daquelas cenouras que, nos países onde faz muito frio, as crianças colocam em seus bonecos, feitos não de rústica lata, mas de mágica neve. Em seu esmero, a mãe recortara, numa cartolina também marrom, duas formas meio longas, meio arredondadas, que mais pareciam orelhas, mas que ela colou na base da lata e que pretendia que fossem os pés do bonequinho. Num arremate final, talvez supérfluo, elaborou e colocou uma exagerada e farfalhante gravata borboleta e uma minúscula cartola, que pareceu um tanto quanto ridícula presa no alto da cabeça de vidro do bonequinho, tanto um como outro destes dois simplórios adereços confeccionados em lustroso papel preto. No entanto, não se sabe se por cansaço, depois de tanto esforço artesanal, se por imperdoável desatenção ou por preguiça mera, não dotou o bonequinho nem de braços nem de mãos. O filho, porém, pareceu não notar este detalhe. Ou se o notou, não lhe deu a devida importância.

Para comemorarem a data auspiciosa, a mãe e o filho se permitiram ir ao Grande Teatro de Bonecos da Corte do Imperador, montado nos arrabaldes.

Não era bem um teatro e muito menos da corte de nenhum imperador. A bem da verdade, os próprios bonecos não eram lá grande coisa, com suas cabeçorras inexpressivas mais parecendo maçarocas de *papier machet* enodoadas de bolor, sendo difíceis de definir quais as cores verdadeiras de suas roupinhas mil vezes reaproveitadas. O palco era uma cortina vermelha que um dia talvez tivesse sido de seda, de cetim ou de veludo, com uma grande

janela orlada de desgastado papel dourado e suspensa em um varal, que escondia do público os pobres saltimbancos que haviam organizado a função, em um tempo tão remoto que eles próprios já nem lembravam mais, e, com essa tralha toda debaixo do braço, tinham percorrido vielas e terrenos baldios, na luta diária pelo pão.

Dentro do círculo de lona sustentado por varapaus fincados no chão de lama e coberto por uma infinidade de sacos de aniagem costurados uns aos outros e reforçados com plástico preto, todavia, existia a penumbra necessária para um espetáculo teatral.

Quando este começou, se fez silêncio na reduzida plateia. As luzes que vinham de trás da ensebada cortina eram geradas por lanternas, cada uma delas devidamente recoberta por celofane de uma cor diferente e municiada por pilhas Everady já no fim de suas forças. A música, improvisada em címbalos e cítaras manufaturados em caixas de maçã Fita Azul com arames esticados, bem que conseguia evocar a atmosfera mística do longínquo palácio do imperador. E, num requinte de efeitos especiais, que ajudou a audiência a se transportar no tempo e no espaço, os artistas, que, por pobres que fossem, faziam o seu trabalho com amor, queimaram uma quantidade de incenso que bem poderia ser considerada generosa para o montante ínfimo de ingressos vendidos, ainda mais por tão insignificante preço.

No decorrer do espetáculo, a mãe, sem propriamente apreciá-lo, conseguiu ao menos relaxar um pouco e pôde pensar com mais calma na labuta cotidiana, quase não sentindo o incômodo das varizes adquiridas e cultivadas ao longo de intermináveis e repetitivos anos ao pé do tanque. O filho, mantendo o bonequinho de lata sentado no seu colo, segurando com ambas as mãos, com cuidado e avidez, este seu mais recente amigo e maior tesouro, concentrou-se nos menores detalhes e apreciou particularmente as cenas com vários bonecos ao mesmo tempo e as amoreiras outonais, com caules de palitos usados de churrasquinho e copas de esponjas de lavar prato, não menos usadas, borrifadas de pigmento GloboCor amarelo.

Mas, dos três, seguramente, quem mais amou o que via foi o bonequinho de lata.

Ele, recém criada figura, amálgama de sucatas diversas, que, até bem pouco tempo, estavam condenadas a desaparecer para sempre num monturo, mal podia acreditar no privilégio que estava tendo, pois nunca, em sua curta existência de bonequinho, vira algo tão belo. Pareciam-lhe seres de outro mundo os mandarins mal ajambrados com suas túnicas de flanela, anjos as concubinas cambaleantes com seus rostos de pó de arroz, colossos os guerreiros do imperador com espadas de cartão, encantadora a rude música, arrebatadora a pálida luz, inebriante o agridoce aroma do incenso que, aliás, já começava a se dissipar.

Não, nunca, com certeza, fora dada, a um simples bonequinho de lata, a oportunidade de contemplar tamanho deslumbramento.

Mas cada um tem seu fado e eis que o pobre bonequinho de lata, na fragilidade de sua reciclada condição, simplesmente começou a se desfazer, o que, todavia, não fez o espetáculo parar.

Primeiro, foi o nariz, que, feito pesado demais pelas inexperientes e inábeis mãos maternas, não resistiu à força da gravidade e tombou para frente, levando consigo boa parte da cabeça de lâmpada, inclusive quase metade do olho esquerdo. Este inesperado aborrecimento não fez o bonequinho de lata deixar de desfrutar a fuga da dama de companhia da imperatriz para o cume de uma árida montanha, com três lanceiros, representando um exército, em seu encalço.

A lata com que o bonequinho tinha sido feito fora a que a mãe pudera encontrar, e, sendo assim, não era mesmo de grande valia. Tão velha e enferrujada estava que, quando o bonequinho se deixou levar pela emoção de ver a imperatriz reencontrar seu amado, fendeu de ponta a ponta.

O bonequinho de lata sentia que o espetáculo, assim como ele, estava no fim, e que tinha que manter unidas as partes recauchutadas do seu frágil corpo só mais alguns instantes, para poder morrer em paz.

Foi neste momento que um de seus pés se descolou e, flutuando como uma folha seca, tocou a canela direita do filho que, desesperado, percebeu o que estava acontecendo. Imperador e Imperatriz se reconciliavam num amoroso beijo, ao som de gongos feitos de frigideiras.

Alertada da tragédia iminente, a mãe lembrou ao filho que este era um brinquedo que não fora mesmo feito para durar, mais uma lembrancinha do que um presente propriamente dito. A tampa da lata não resistiu ao peso da lâmpada e afundou de banda, de forma que, como se já não bastassem todas as suas desditas, o bonequinho de lata teve que passar a acompanhar o espetáculo com a cabeça meio enviesada.

Alheio à sincera aflição do filho, à gentil indiferença da mãe, e à sua própria inexorável decomposição corporal, o bonequinho de lata fixou o olho e meio que lhe restava no vilão vestido de verde, cujas pérfidas intrigas tinham separado os monarcas e colocado a nação à beira do caos, surgindo no fundo da cena a ameaçar romper a recuperada paz dos apaixonados, e rogou aos céus que lhe permitissem ver o fim da contenda. Tamanho foi o fervor da sua prece que seu cocuruto de vidro explodiu e sua grotesca cartolinha voou longe.

A esta altura, o filho chorava incontrolavelmente e os esforços da mãe para consolá-lo já começavam a converter-se em terna censura.

Ignorantes deste drama que se desenrolava do outro lado de seu palco de tecido, os bonequeiros, suados e ofegantes, esforçavam-se com sincero zelo para conferir à cena final a intensidade exigida.

Lá fora, no grande e cruel mundo, os homens se dedicavam à guerra, ao crime e à corrupção.

Mas tudo que o bonequinho de lata queria era demorar um pouco mais para se desfazer, só um pouquinho mais, somente o bastante para terminar de se deslumbrar com o Grande Teatro de Bonecos da Corte do Imperador.

E, na sua insignificância moribunda, era maior, mais nobre e mais generoso do que qualquer poderoso senhor, rei ou general.